

RAMÓN PASQUAL MUÑOZ SOLER

**O PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO
A VOCAÇÃO DE SER HOMEM**

Conferência ditada na A.D.C.E.A
de 22 de Abril a 17 de Junho de 1960

Traduzido por Edelweiss Blanes Martinez



O PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO A VOCAÇÃO DE SER HOMEM

Primeira Aula: 22 de Abril de 1960

RECUPERAÇÃO DO HOMEM EM MEIO À CRISE DE VALORES

- I. A corrente de transformação social e a “crise da humanidade”.
Crítica à sociedade e crítica à condição humana.**
- II. O resgate da condição humana ameaçada ou perdida. Soluções
propostas.**

I

A sociedade humana experimentou, durante o último século, transformações muito profundas que não somente afetaram as formas exteriores da vida de relação, senão que comoveram profundamente a própria natureza humana.

Como diz Gurdjieff:

Nesta época de maquinismo, o grave não é que o homem mecanize cada vez mais suas atividades e que trate cada vez mais com as máquinas, senão que ele mesmo se converta em máquina.

Hans Freyer em sua “Teoria da época atual” diz que assim como o corte de bosques em grande escala ou a monocultura produziu radicais transformações do solo, agravando a erosão e convertendo zonas vizinhas em desertos – nenhum homem pode predizer quais elementos de interioridade humana serão apagados e

arreatados para sempre, quando ficar assim recolhido e sacudido em uma monocultura, para conseguir dele reações especiais. Seja como for, é preciso admitir com certeza que sua estrutura e seus centros de equilíbrio não ficarão intactos se o mantiverem mergulhado, de forma duradoura, em um sistema semelhante.

Era de especialização: monocultura.

Com a revolução industrial e a produção em massa, acabou-se com o artesão que começava e terminava um trabalho. Na linha de montagem, cada operário se limita a uma tarefa parcial.

Mas, isso não é o mais importante: o realmente importante é que o próprio homem se especialize em alguma de suas funções intrínsecas:

Monocultura da ação e do movimento: o homem de ação.

Monocultura da mente racional: o intelectual.

Monocultura do instinto: o instintivo.

Esta deformação, produzida no homem pela monocultura, produz tarde ou cedo – da mesma forma que nas monoculturas – uma crise de desencontro consigo mesmo. E esta consciência de estar em crise consigo mesmo é um dos signos característicos desta época.

Em nossa conferência anterior, dissemos que hoje, o que é questionado é a própria condição humana.

Dúvida sobre a autenticidade do universo.

Dúvida sobre a autenticidade do conhecimento.

Dúvida sobre a autenticidade da existência humana.

O problema da autenticidade da própria vida é algo que preocupa não só aos filósofos, mas a um número cada vez maior de indivíduos.

Heidegger fala da existência autêntica e da existência inautêntica.

E, em meio à crise de valores da sociedade atual, os homens se formulam perguntas inquietantes:

O que é ser realmente homem?

Em que consiste uma vida realmente autêntica?

A condição de homem pode ser perdida? Ficar reduzido a uma condição de sub-homem?

EM RESUMO:

A vida social atual, com suas instituições massificantes e sua tendência para a mobilidade incessante, é como um imenso aluvião que produz impacto sobre os homens, arrasando suas camadas superficiais e deixando exposta a rocha nua. Parece que estamos submetidos à prova do indivíduo, pela sociedade: pode o indivíduo desafiar a ação massificante da sociedade? Em uma palavra:

Pode o homem salvar-se?

Pode ser salvo o núcleo essencialmente humano?

Por outro lado, não cabe dúvida de que esta imensa pressão social expôs as falhas do homem, enquanto homem.

Parece que a sociedade, por pior que seja, só pode destruir o que é inautêntico no homem e nunca seus valores fundamentais.

Quais são estas falhas que ficaram expostas?

A falta de consciência de si mesmo.

A falta de unidade de si mesmo.

A carência de um núcleo estável ou centro de estabilidade permanente.

A falta de uma mente que seja capaz de resistir ao contágio mental do ambiente.

A falta de um sentimento de comunidade que permita ao homem ter corretas relações com os demais e sentir a comunidade de todos os homens.

A falta de uma ética individual que determine seus atos.

A falta de uma relação com Deus e Sua substituição por ideologias.

II

O RESGATE DA CONDIÇÃO HUMANA

Pode um homem, sem tais condições, chamar-se realmente homem?

Como fazer para adquirir, recuperar ou salvar do naufrágio as condições essenciais da natureza humana?

Sobre a urgente necessidade de uma nova qualidade humana, já insistiram muitos sociólogos e homens de ciência:

Alexis Carrel, em *“La Conducta de la Vida”* diz:

A qualidade da vida é mais importante que a própria vida. A sociedade necessita de super homens porque já não é capaz de dirigir-se a si mesma. A civilização do ocidente se encontra quebrantada até em sus alicerces.

Muito bem, mas como produzir essa recuperação de humanidade?

Hans Freyer diz:

É preciso ir buscar nas camadas profundas da herança, uma grande afluência de forças que preencham a humanidade reduzida atual. Pode acontecer então que, a partir da herança, seja franqueada uma nova condição humana que esteja à altura da situação projetada e destrua o alheamento.

Isto parece muito científico, muito sociológico, mas não deixa de ser uma esperança no azar.

Nós não podemos conformar-nos com isso e somos de opinião que tal transformação deve ser produzida individualmente por aqueles homens que tenham tomado consciência de sus próprios limites e tenham vocação de Ser-Homens.

Segunda Aula: 6 de maio de 1960

HUMANIZAÇÃO E DESUMANIZAÇÃO

Na aula passada dizíamos que hoje o grande problema de fundo que afeta a humanidade é o problema do homem. O que preocupa os homens como inquietude íntima não é o problema do conhecimento do universo, nem o do “além”, nem o problema social.

O problema do desencontro do homem consigo mesmo é o problema fundamental de nosso tempo e pareceria ser um clamor íntimo das almas o anelo de reencontrar-se, de integrar-se.

O que o homem quer hoje não são novas filosofias sociais, religiosas ou políticas. Os homens estão insatisfeitos; têm uma ânsia ancestral de reencontro consigo mesmos. Estão necessitados de um pão de vida, de uma água viva, de uma verdade que possa fazer-se viva e real neles mesmos. Em uma palavra, estão necessitados de uma plenitude de humanidade, de uma realização plena como homens. Surge uma pergunta: O que é isto de lograr a verdadeira plenitude como homem?

Que importância tem dar uma verdadeira resposta a isto! O importante é que cada um descubra o que é “ser-homem”. O que o homem quer são verdades de salvação, ou seja, aquelas que se incorporam na totalidade dos aspectos que constituem o próprio homem, desde a mente até a própria matéria.

Para que serve todo o conhecimento? Para produzir uma excrescência mental. Aumenta ainda mais a parcialização ou especialização do homem. Quando a “parte” se constitui no todo do homem, se produz uma grave crise existencial. Quando queremos hoje revisar o que é o homem, nos encontramos com um grande mistério, porque o homem parcial se encontra impotente para conhecer o todo. Quando uma das partes está muito desenvolvida e o homem tem a sensação de que com essa parte só não pode resolver todos os problemas, percebe que existe fracasso, desde o ponto de vista através do qual havia considerado. Isto lhe dá a possibilidade de abrir-se a uma realidade que está dentro de si mesmo e que é desconhecida para ele.

Dizíamos que o clamor íntimo das almas é um desejo de reencontrar-se com a plenitude de sua humanidade. Mas que esse anelo, na maioria das vezes, passa como uma inquietude passageira. É um momento de entusiasmo frente às inquietudes da vida, e que em seguida é esquece quando se tem um pequeno êxito e oculta a verdadeira vocação de Ser-Homem. Isto é algo que racionalmente nos escapa e aparece como absurdo.

Realizar a vocação de Ser-Homem não é tão fácil. É muito difícil. É um caminho vocacional.

Não é para todos.

Em resumo:

Hoje, o grande processo de especialização – crescente naquilo que são as funções constitutivas humanas – está levando grandes massas a um processo de desumanização, isto é, que afasta o homem de sua verdadeira condição de homem. Mas, também temos a seguridade de que existem homens que anelam uma plenitude de humanização. Isto exige uma disciplina interna, um caminho vocacional, que não é de massa e sim, de indivíduos.

Diálogo entre o orador e os ouvintes:

P. O senhor não acredita que que fisiologicamente, ou seja, de seu descondicionamento como homem, depende o que chamamos hoje de necessidades? As forças que vão em aumento dia a dia gravitam ao redor dessa especialização. O aspecto fisiológico denota uma decadência tremenda. Falsamente, consideramo-nos homens de força. Fisiologicamente somos sumamente fracos. O fraco exige maiores penas, as quais não é capaz de proporcionar com sua própria vida. O forte demonstra que, com o exíguo pode o incomensurável.

R. O homem está acostumado a um grande desperdício de energias, de maneira que, quando quer acordar e gostaria de reencontrar-se consigo mesmo, não tem energias; está em um nível de queda muito grande. Existe um umbral de queda. Se for muito grande, não tem possibilidade de recuperar-se. O primeiro passo para

realizar a reintegração do homem é uma reserva energética. Aquele que não o fez, nada pode fazer para sequer tentar um processo de integração. As ideias não bastam. É necessária a força.

P. A condição fundamental para que o homem possa realizar-se a si mesmo é a vocação. Agora, desde este ponto de vista, se a vocação for suficientemente grande, acredito que se possa encontrar-se a si mesmo. Para mim, a perda de energia deveria ser reprovada somente se o priva de vocação; mas, se esta existe, leva implicitamente a energia que o levará à realização.

R. Um homem de vocação geralmente não gasta suas energias.

P. O reconhecimento dessa vocação é um chamado que se pronuncia no interior do ser.

Como se pode reconhecer esse chamado vocacional?

R. Se reconhece sempre. O anelo da alma que quer encontrar-se com os valores mais íntimos, de querer ser verdadeiramente e cumprir a missão que internamente sente, permite no final, o reconhecimento. O que pode acontecer é que este desejo da alma esteja encoberto ou distorcido pela vida. E, às vezes, têm-se pesares íntimos na busca vocacional. Por exemplo, um jovem que sente a necessidade de reservar suas energias sexuais e sente uma necessidade íntima de pureza; este sentimento levado ao mundo, já seja este último científico ou profano, é difícil que possa ser compartilhado com os demais. Pode ser reconhecido como uma inibição do caráter e se orienta o jovem de acordo com o princípio coletivo do prazer, não o respeitando em sua intimidade. O homem animado por desejos vocacionais íntimos – que não encontra eco em seu ambiente – pode sentir-se incompreendido, pode bater em muitas portas sem encontrar nada. No entanto, aquele que tem vocação tem uma potência em si e supera a prova social. Por mais contrárias que sejam as águas da vida, aquele que tem vocação real cruza essas águas. Aquele que não a tem, em seguida se afoga nos primeiros remansos. A vocação é provada na atmosfera mental e emocional. Mas, aquele que a possui realmente supera todos os obstáculos. E, no final, encontra o caminho que vai conduzi-lo à realização, sem deixar-se seduzir pelas correntes do mundo.

P.. Vocação é diferente de especialização? A vocação é uma consagração que conduz à verdadeira vocação interna?

R. Entendemos por vocação somente aquela inclinação ou inquietude de um homem, pela qual está disposto a dar a vida. É preciso fazer uma distinção entre o que é uma inclinação passageira e aquele homem que tem capacidade de permanência, de testemunho. Todo homem que consagra sua vida a um ideal ou a um sentimento tem vocação. Por isso, das vocações, no fundo, somente se pode falar depois de mortos. Porque o homem, por sua natureza, é versátil.

Terceira Aula: 20 de maio de 1960

RESGATE DA CONSCIÊNCIA INDIVIDUAL

Nesta nossa inquietude de querer valorizar o homem real – com o anelo de poder, de alguma maneira, dentro do que racionalmente seja possível, transmitir qual é o fundamento do que poderíamos chamar a verdadeira condição humana – é que nos esforçamos nestas conversas em poder aclarar, definir e, ainda mais, “sentir” o que é ser realmente homem. Sobretudo nesta época em que vemos um tipo humano que, pelo desenvolvimento parcial de suas funções constitutivas, se encontra desarmônico e desencontrado consigo mesmo. Vemos homens racionalistas, sentimentais, instintivos, polarizados em direção à ação. Mas, todas essas expressões de humanidade nos aparecem como aspectos parciais de uma totalidade que nos escapa das mãos, sem podermos realizá-las.

Nesse intento de captar o que caracteriza o homem, queremos ocupar-nos hoje do que chamamos “recuperação da consciência”. Bem como, dizíamos que existe uma onda de inconsciência, de um predomínio dos aspectos inconscientes do homem – que se arrogam o direito de erigir-se em princípio reitor da totalidade humana. Na maioria dos homens, o princípio diretriz, o princípio motor que informa as ações, é de caráter inconsciente.

Nesta onda de inconsciência, surge a necessidade de poder restaurar, nos homens que tenham vocação para isso, o princípio reitor da consciência. Não estamos negando a importância da dinâmica do inconsciente: só queremos dar a ela o lugar que lhe corresponde.

É curioso constatar que a consciência – que é a raiz verdadeiramente humana, o foco realmente humano que tem o homem – fica obscurecida, velada ou deformada pela pressão de elementos antagônicos que a anulam. Existe um grupo muito grande de indivíduos, nos quais a consciência não funciona bem. Muitos têm uma verdadeira anestesia da consciência.

Por que a consciência, que é o mais íntimo do homem, não funciona bem?

Quais são as pressões deformantes da consciência?

Durante um certo tempo pensou-se (e assim é) que o princípio de autoridade velava a consciência. Uma consciência – que está pressionada por uma lei autoritária – se deforma. Por muito tempo, a consciência foi demasiado pressionada pelos dogmas, sobretudo religiosos (que obrigavam o indivíduo a ajustar-se dentro de determinados moldes) para que essa luz – que dá ao homem o poder de dirigir sua vida – estivesse já de antemão limitada. Tanto é assim que os homens quiseram desfazer-se desse tremendo peso que a autoridade representava para a consciência. E então, surgiu o movimento da liberdade de pensar, já não sob o mandato de uma lei humana ou divina, mas por imperativo de uma consciência livre. Assim, nasceu toda a corrente liberalista que tem por princípio a liberdade de consciência. Pareceria que o fato de o homem desligar-se dos velhos moldes de autoridade dogmática haveria dado à consciência esse valor original, essa pureza necessária para devolver ao homem sua dignidade real. Mas, se pensarmos bem, veremos que tampouco a liberdade de consciência deu ao homem a capacidade de ter uma luz em si mesmo, que possa ligá-lo com o universo. Por quê?

Há muita gente que não quer seguir os mandatos de tal ou qual religião nem o que ditam as leis sociais. Querem dirigir seus atos por si mesmos, pelo que sua própria consciência lhes dita.

Que lindas palavras! Mas, não são mais que palavras, porque quando se chega ao fundo, se vê de que lição de consciência se trata. Então as coisas mudam. Seria necessário saber QUE LIÇÃO DE CONSCIÊNCIA têm. Isto é finalmente um novo princípio de escravidão. Há seres que têm sua consciência tão encoberta, que quando acreditam estar respondendo a ela, não fazem outra coisa que responder a um ato impulsivo, instintivo, das capas profundas de seu próprio inconsciente.

Em muitos seres, a consciência está anestesiada. E, se a têm, está deformada. Compreender isto me produziu um grande impacto. Deles dizem que obedecem à sua própria consciência. Mas, seria necessário perguntar-lhes: DE QUE CONSCIÊNCIA FALAM?

Seguindo o pensamento do filósofo Kierkegard, poderíamos dizer que existem três tipos humanos de consciência: a estética, a ética e a religiosa.

Estética: regida pelo princípio do prazer. É bom tudo aquilo que serve para satisfazer os desejos.

Ética: regida pelo princípio do dever. É bom tudo aquilo que responde a um dever frente à sociedade.

Religiosa: demarcada dentro da lei religiosa na qual se desenvolve.

Mas destas consciências não queremos falar porque todas, no fundo, são consciências condicionadas, consciências que estão limitadas e não respondem ao total do homem com relação ao universo.

A consciência restringida ao marco da religião é consciência condicionada, limitada. A consciência do homem estético está limitada por suas sensações. A do ético, por sus deveres.

Todos estes tipos são expressões da consciência, muito úteis, mas fragmentárias, que servem para desenvolver-se em um campo particular de vida. E que não dão ao homem a verdadeira hierarquia de ter uma consciência que signifique uma real relação entre ele e a lei universal.

A consciência da qual queremos falar é uma consciência incondicionada, simples, que é a verdadeira, única e real consciência que o homem deve ter. O homem integral deve ter uma consciência simples, pura, que reja as relações normais entre ele e o universo.

Uma consciência que espelhe a lei universal. Uma consciência que não esteja marcada. Recuperar este valor não é uma coisa fácil. Parece fácil, mas não o é. Por quê? Por que esta consciência que deveria ser o atributo natural do homem, é difícil de recuperar? Porque o uso e o abuso que o homem fez – para seu desenvolvimento – faz com que esteja ligada a uma série de teorias. Está identificada com as coisas, com as ideias. “Minha consciência está identificada com minha religião, com as coisas que estudo, com a ideologia de meu partido. O ser de minha consciência não ficou em sua pristinidade original”. Perde a condição originaria de ser, em verdade, o sentinela dos atos do homem, dessa luz que é o princípio raiz do próprio homem.

Como se recupera? Somente pela capacidade de renúncia, pela mística do coração. Os psicólogos dizem que a consciência tende ao objeto. Isso é verdade. Mas, se esquecem de que também tende a voltar sobre si mesma. O que acontece é que o homem não a deixa voltar sobre si mesma. Quando a consciência vai ao objeto, isso não lhe permite reencontrar-se consigo mesma. Apoderam de uma ideologia e se identificam com ela. Não sabem tomar uma ideia, absorvê-la e depois deixar livre a pristinidade da consciência. Não se pode recuperar a consciência sem um bem interior. O homem, voltado para a vida exterior, tem uma consciência de superfície, uma consciência complicada, cheia de compostos. Somente o homem que possui uma vida interior e chega a um certo grau de renunciamento aos aspectos exteriores, pode recuperar sua consciência e realizar com isso o princípio de seu reencontro com Deus, que é o princípio raiz do ser.

Diz Vítor Frankl, quando quer definir o homem: é um ser consciente e responsável. Seria preciso que perguntar-lhe: é um ser consciente de quê? De seus próprios impulsos, de suas próprias razões, do que é a lei social? Seria melhor dizer “um homem consciente de si mesmo”.

Diálogo entre o orador e os presentes:

P. Por que o senhor diz que a consideração do subconsciente no homem é obstáculo ao despertar da consciência?

R. Algumas escolas psicológicas modernas negam a consciência como valor originário. Supõem que a consciência é simplesmente uma relação com o meio ambiente. Uma boa parte da psicologia moderna tende a atribuir ao sentimento de culpa um caráter neurótico. A tradição social ou religiosa pode originar este sentimento de culpa neurótico, mas, negá-lo por completo conduz a que todas as ações sejam justificadas. Compreender a dinâmica subconsciente das ações pode ser útil mas, não pode se reduzir a ética, inspirada pela consciência, à psicologia.

P. É difícil saber a que ideia se está identificado?

R. Somente o amor real pode predispor a esse reconhecimento. O reconhecimento de pressentir que as ideias, por muito belas que pareçam, são caducas. Não transformá-las em ídolos representativos de caráter absoluto. Dar-nos conta de que o melhor que existe em nós mesmos é a pristinidade de nossa alma. E não render culto às ideias ou doutrinas. Somente a mística pode permitir a recuperação da consciência. Por isso dizíamos que a recuperação do homem é de caráter vocacional. É uma vocação de querer integrar-nos como homens e realizar a harmonia de nossos aspectos parciais com a raiz eterna da vida. É o caminho do reencontro do homem consigo mesmo, de nossas leis particulares com a lei única e essencial que rege a vida.

P. O senhor disse que existe uma consciência estética, outra ética e outra religiosa, que são parciais. O ideal seria então que o homem se identificasse com uma lei única e que, para conseguir isso, seria necessário que o indivíduo começasse a renunciar?

R. Pelo menos, deixar de adorar os ídolos estéticos, éticos e religiosos para render culto ao ser real e verdadeiro. Não criticamos o homem estético, o ético ou o religioso. Porque estão em sua lei até que realizem certas experiências, cada um deles. Estamos acariciando a vocação daqueles seres no quais surge uma nova inquietude.

P. Todos passamos por essa divisão de homens éticos, estéticos e religiosos? Nessa divisão, que ser está em melhores condições de dar um salto?

R. Esse é um mistério. Só um chamado o explica. É o mistério das vocações. Cada homem sente ou não esse chamado.

P. O senhor diz que a consciência costuma ficar presa na mecânica da vida. Que extensão tem hoje essa mecânica? Como algo que se repete continuamente?

R. Todos os que não podem recuperar-se no plano essencial da vida estão regidos por leis mecânicas. Se não encontrarmos essa lei supra-mecânica que gostaríamos de compartilhar com vocês, toda a vida do homem se reduz a mecânica pura. Somente uma vocação de eternidade, de identificação com o Ser pode salvar o homem de sua mecanicidade.

Os sentimentos, os pensamentos, as ações obedecem a leis mecânicas. Mas, há uma vida supra-mecânica que escapa a isso e é a vida verdadeira do espírito, que não é preciso confundir com a vida religiosa.

P. Por que não é preciso despertar esta consciência na massa?

R. Sim, é preciso fazê-lo, quando se realizou isso em si. Por outro lado, se expande sozinha, automaticamente. O que importa é que se chegue a realizar esses valores internos e essenciais. Aqueles que os realizaram podem transmiti-los. Uma vez acesa a luz, não é necessário propagá-la, expande-se sozinha. Não faz falta pensar como se vai transmiti-la. O problema é a realização.

P. Que papel desempenha no desenvolvimento da consciência prístina o advento dos Messias?

R. Eles têm um papel fundamental.

P. Aparentemente, as consequências do advento destes grandes mestres foi criar religiões?

R. Aparentemente. As religiões são os subprodutos dos grandes mestres. Estes não vêm para criar religiões. Vêm para dar a ideia fundamental sobre a Religião. Dão a ideia mãe, que é sempre universal. As religiões, em troca, tornam-se parciais e são como as águas que descem claras da montanha, mas quando chegam ao mar, estão escuras.

Quarta Aula: 3 de Junho de 1960

VALORES POSITIVOS E NEGATIVOS DA PERSONALIDADE

Dentro do ciclo de conversas que desenvolvemos neste curso sobre a base do processo de humanização, queremos falar hoje sobre os aspectos positivos e negativos da personalidade.

Lembrem-se de qual é a ideia central que vai animando estas conversas. É poder captar, intuitivamente e, em certa medida, racionalmente, o que é o homem. Esta pergunta que parece tão fácil de responder, não o é. Em uma palavra, nós queremos adentrar-nos no mistério do homem.

Desde o começo destas conversas, vimos que o homem, para nós, é uma totalidade desconhecida. Poderíamos falar da “incógnita do homem”, de acordo com Alexis Carrel.

Ao tratar o processo de humanização, partimos da base de que não conhecemos ao homem. Somente conhecemos aspectos parciais do mesmo. Conhecemos características, conhecemos facetas de uma totalidade que resulta uma incógnita para nós: matizes, aspectos, características, formas de apresentação dessa totalidade que algumas vezes se apresenta sob um aspecto, e outras vezes sob outro. Dizíamos que o homem que conhecemos habitualmente se apresenta como um ser dividido, como um ser parcialmente desenvolvido. Ainda mais, como um ser especializado, no qual uma de suas partes adquire uma característica determinada, uma dimensão e um desenvolvimento desmedidos, a tal ponto que toma o lugar do todo. Esse aspecto parcial em uns pode ser a mente, e nesse caso o intelecto toma certa primazia sobre o homem total. Em outros casos, pode ser a emoção ou a atividade.

Nesta era de especialização em que o homem se especializa em diferentes aspectos da vida prática, o grave é que alguma de suas funções adquira uma intensidade de desenvolvimento tal que essa função assuma a hierarquia do todo. O grave no momento atual não é que o homem se especialize em tal ou qual coisa. Nós

pensamos que essa especialização na ação não tem tanta gravidade quanto o fato fundamental de que o próprio homem se especialize em um aspecto e este assuma a direção ou a representação do homem total.

Em outras palavras: que uma de suas funções constitutivas adjudique para si a hierarquia da humanidade total. Isso é sumamente grave porque é a subversão da unidade fundamental pelas funções secundárias. E então, sobrevém uma série de desencontros do homem consigo mesmo. É uma das características do homem de nosso tempo, porque este homem não somente está desencontrado com o mundo que o rodeia, com a sociedade em que vive, com o campo da natureza no qual se move, ou dentro do campo universal no qual sua mente gostaria de penetrar, senão que fundamentalmente reflete uma angústia existencial por esse desencontro de relação consigo mesmo, de falta de encontro verdadeiro consigo mesmo.

Precisamente no caminho de reencontro do homem consigo mesmo, a personalidade – apesar de que constitui o orgulho do homem atual, aquilo do qual mais se preza, inclusive aquilo que trata a toda custa de cultivar – essa personalidade é o principal obstáculo para o reencontro consigo mesmo. De modo que vamos desenvolver esta ideia fundamental, sem entrar na sua profundidade, porque é muito extensa.

A personalidade é como o “guardião do umbral” que algumas filosofias orientais mencionam. É a figura que se interpõe ao caminhante que vai pelo sendeiro de realização, figura que nem sempre é reconhecida e que, na imensa maioria dos homens, é totalmente desconhecida. Porque neles se produziu uma identificação de sua essência individual com o que chamamos personalidade.

A figura pessoal é um obstáculo que nem sempre se faz consciente, salvo em certos momentos muito particulares da existência humana – nos quais a personalidade se coloca como uma imagem que impede de ir além no reencontro do homem. Por exemplo, aquele famoso relato de Dorian Gray (de Oscar Wilde) tão cheio de sugestões e de ensinamentos psicológicos. O que é, no fundo, este retrato de Dorian Gray, frente ao qual um bom dia o protagonista se encontra, senão algo que o está espelhando, algo que está resumindo suas características, como se fosse a

estruturação no tempo e no espaço de todas as suas realizações humanas? Esta grande figura não é outra coisa que a figura da personalidade humana, donde se espelha a própria vida do homem.

O que é a personalidade? É a estruturação espaço-temporal dos valores humanos. É a figura de nossa vida no tempo e no espaço. É a representação estruturada de todas as possibilidades do homem historicamente condicionado. É a figura de relação que existe entre a essência do homem e o mundo circundante. Em uma palavra: o que chamamos nossa vontade, nossos pensamentos, nossos sentimentos, nossa consciência, nosso “eu”, não são mais que aspectos parciais de nós mesmos. Não somos nós mesmos. E ainda essa figura que podemos reconhecer no espelho de nossa consciência e com a qual estamos identificados, isto é a personalidade, é também um aspecto parcial do próprio homem, é também uma pretensão de individualidade, é um aspecto da individualidade humana, da totalidade do homem. Quer dizer, fazemos uma diferença entre “personalidade” e a essência real de nós mesmos (individualidade). O que acontece é que nossa essência individual está identificada com nossa personalidade.

Como se identifica esse processo de cristalização dos valores humanos, essa verdadeira ‘persona’, essa verdadeira máscara, essa verdadeira estruturação que chega ao material, com a essência individual do homem?

Em realidade, esse fenômeno se produz por um movimento interno da alma, de caráter possessivo. É o mesmo que o personagem que está atuando sob uma máscara e se identifica com seu papel. E então, se consubstancia com ele. Ele e seu papel são uma mesma coisa. É um verdadeiro processo que se produz através de um enamoramento de caráter possessivo, isto é, o indivíduo se afirma sobre seu papel. É lógico que todo homem tenha que desempenhar seu papel na vida. E realmente, no desenvolvimento de seus aspectos racionais, volitivos e emocionais, teve que cumprir um papel. Quer dizer, não é que isso seja algo anormal. Sim, adquirir uma personalidade não é coisa fácil no desenvolvimento do homem. A formação dessa personalidade é algo útil em uma certa etapa do desenvolvimento, é algo útil para poder relacionar-se com os demais. A ‘persona’ vem a ser algo assim como a obra

do homem consigo mesmo. É a figura das experiências humanas, plasmadas em uma realidade material, porque a ‘persona’ é uma estrutura material de experiências cristalizadas.

Por que essa ‘persona’ que foi útil no desenvolvimento das funções próprias do homem, chega a ser, no entanto, um obstáculo depois no reencontro do homem consigo mesmo?

Este é o grande problema no devir histórico do homem: haver modelado uma estátua, haver-lhe posto mente, haver-lhe posto a energia, havê-la animado, havê-la cultivado e, em certo momento, não poder recuperar a essência de vida posta nela.

A personalidade humana é o principal obstáculo no reencontro do homem consigo mesmo porque aprisiona a essência da vida em sua estrutura, e para que possa recuperar-se, a ‘persona’ deve ser destruída.

Mas, como se pode destruir a ‘persona’ se ela é algo que está estruturado mental, emocional e corporalmente?

Pode-se fazê-lo através de dois movimentos:

O movimento natural da vida.

O movimento sobrenatural.

A pessoa, naturalmente, vai ao fracasso e à morte: isto é, a estrutura pessoal está formada no tempo e no espaço. E no plano da vida todas estas estruturas vão para a morte. O destino pessoal é o fracasso através de situações de vida determinadas naturalmente, como é a morte – desintegração que a natureza impõe à estrutura do homem. Existem almas que querem transcendê-la, que procuram a maneira de passar da vida pessoal a uma vida supra-pessoal. A estas pessoas, indubitavelmente podemos dizer que, para poder passar da vida pessoal a uma vida supra-pessoal – a qual é uma vida que se integra aos valores não possessivos – é necessário um esforço e a renúncia aos valores que foram postos afirmativamente sobre a pessoa.

Poderíamos dizer: a pessoa é a estruturação espaço-temporal dos valores humanos, através de uma afirmação do “eu” e da vontade do homem. A vida supra-pessoal é a reversão dessa afirmação possessiva posta sobre a pessoa, através de uma negação de si mesmo e daqueles valores que se afirmaram na própria pessoa.

Se a pessoa for o resultado de um raio de amor possessivo afirmativo, a vida supra-pessoal pode ser recuperada através de outro raio de amor, de caráter renunciante, através de uma mística que permita ao homem arraigar-se em uma primeira negação de si mesmo. O homem começa a renunciar a algo de si mesmo e quando um homem pessoal faz a primeira negação de si mesmo já dá o primeiro passo no caminho do reencontro consigo mesmo.

Diálogo entre o orador e os presentes

P. Qual seria um aspecto positivo da personalidade?

R. Todos. Ainda o embelezamento, isto é, o que é o cultivo da mente, o sentimento, o cultivo físico, artístico. Todos são cultos à personalidade. Nós queremos aproximar-nos do plano supra-pessoal.

P. O ideal seria o negativo?

R. Não. Ao dizer negativo nos referimos à capacidade de renúncia através de uma mística, através do amor, para encontrar o mistério que está por trás da personalidade. Isto supõe uma mística do coração, sem a qual seria absurdo negar qualquer coisa na vida. Em honra de que se vai negar um desejo, uma expressão adequada da mente, um aspecto artístico de embelezamento pessoal? Não estamos falando de negações em forma absoluta, como linhas absolutas de vida, mas como negações inspiradas no coração, para uma vida superior que se anela conquistar.

P. O senhor acredita que é a pessoa que se adapta à máscara ou vice-versa? A vida interior é a que se adapta ao personagem? É a pessoa ou a supra-pessoa?

R. Não compreendo sua pergunta. Chamamos de “individual” àquele ser interior que quer ser sempre o mesmo e que às vezes se identifica com a ‘persona’. A maioria dos homens teme encontrar-se consigo mesmo. E por isso, se identificam com sua pessoa e perdem a vida, entregando-a ao papel que haviam assumido. É o caso de Dorian Gray.

P. Como se pode saber quando se pode fazer a renúncia?

R. Isso é um mistério. Dorian Gray teria podido encontrar o caminho de regresso. Mas, sua vida pessoal era demasiado forte e não teve mais remédio que destruir a ‘persona’. Mas, se destruiu a si mesmo porque estava identificado com ela.

P. O homem, para alcançar a vida supra-pessoal tem que adotar essa mística, e depois, para atuar, necessita da ‘persona’?

R. Sempre faz falta uma máscara. Mas, que importância tem, se souber toma-la e deixá-la? O homem tem medo do grande vazio que é a outra realidade que aparece para ele quando quer reencontrar-se consigo mesmo.

P. A pessoa que encontrou sua individualidade deve ter sempre uma máscara para poder utilizar na vida prática? Agora, essa máscara sempre está sujeita à personalidade porque uma pessoa pode dedicar-se ao comércio, etc., mas sempre tem um princípio moral que, apesar de sua máscara, se impõe.

R. É difícil dar uma resposta a sua pergunta. Porque em cada homem existe uma situação diferente. O homem individual, ainda que utilize essa máscara, sempre o faz sob uma linha de individualidade.

P. É suficiente essa negação para poder reencontrar-se, ou é necessário uma destruição completa da personalidade?

R. É necessária a primeira chispa que pode alentar a nova vida, porque isso coloca o homem no caminho que vai desvanecer a figura pessoal e deixa que o homem realize o reencontro consigo mesmo. Amor a querer entrar nesse caminho é o que vale.

P. Teríamos que renunciar às coisas que a vida nos impõe?

R. A alma renuncia ao que sente necessidade de renunciar. Nada se pode impor. A liberdade individual alcança aquele que se predispõe a renunciar. Não existe nada de estrutural fixado em seu coração.

Não existe lei para isso.

P. Esses valores místicos têm algo a ver com os valores religiosos?

R. É difícil conhecer os princípios religiosos de hoje porque estão muito encobertos. Revestiram-se de uma couraça tal que não se sabe se são princípios ou aspectos deformados de realidades.

P. No campo prático, não existe um erro no conceito do que é a personalidade?

R. Certamente. Dá-se à personalidade uma hierarquia que não tem. Ela é considerada como a expressão do homem total, quando não é mais que um aspecto do mesmo.

Quinta Aula: 17 de junho de 1960

HUMANIZAÇÃO DO INSTINTO E HUMANIZAÇÃO DO ESPÍRITO

Nesta última aula do curso que viemos desenvolvendo acerca de “O processo de humanização e a vocação de Ser-Homem”, faremos um breve resumo do que dissemos anteriormente.

Na primeira aula, dizíamos que em meio à crise de valores que ameaça a estrutura da sociedade contemporânea tornava-se necessário salvar o que de genuinamente humano havia no homem.

Falamos da era da mecanização e dissemos que no momento atual o grave não era tanto a mecanização das atividades, mas o fato de que o próprio homem se transformou em uma máquina.

O mesmo acontece com a especialização, e também aqui, o que é preciso temer é que o próprio homem se especialize em alguma de suas funções constitutivas e que alguma destas partes, já seja o intelecto, a emoção ou a atividade, pretenda assumir a função do todo.

Por último, recalávamos a necessidade de restaurar o homem como totalidade indivisa, totalidade que não chegávamos a valorizar em seu verdadeiro alcance e que motivou aquelas perguntas de: o que queríamos significar com Ser-Homem e vocação de Ser-Homem.

Na segunda aula, acerca de humanização e desumanização, examinamos o grande processo de desumanização e desintegração do homem, que vem se agravando cada vez mais. E, por outro lado, como esforço de síntese humanizante, realizado por indivíduos com vocação de ser realmente homens. Se o primeiro processo vinculamos como um movimento de massa, o segundo identificamos como individual, e reservado a uma aristocracia do espírito.

A terceira aula, dedicamos a destacar o que – a nosso ver, constituía a raiz essencial da humanidade, que era a consciência. E destacamos como essa

consciência aparecia velada e condicionada, a ponto de que tínhamos que diferenciar uma consciência do homem estético, uma consciência do homem ético e uma consciência do homem religioso. Todas estas formas de consciência são limitadas e condicionadas. E dizíamos que era necessário restaurar uma consciência simples, que refletisse no homem, a lei universal.

Na quarta aula, falamos daquele “guardião do umbral” que era a figura da personalidade. Vimos como o ser individual ficava, na maioria das vezes, oculto pela personalidade ou identificado com ela.

Finalmente, nesta quinta aula, falaremos acerca da humanização do instinto e da humanização do espírito.

O que mais chama a atenção, através do estudo que realizamos, é a falta de unidade do homem. E quando acreditávamos encontrá-la na personalidade, descobrimos que esta personalidade não é mais que um conjunto de aspectos psíquicos, centralizados em um eu contingente que limita a vida do homem.

O que chamamos habitualmente educação integral não é nada mais que o embelezamento ou cultivo das distintas facetas de uma personalidade. Mas, de nenhuma maneira, a integração da individualidade é aquela a que nós gostaríamos de chegar.

Com o anelo de chegar a esta integração, o homem volta seus olhos em direção ao mundo do espírito. Mas, acontece que esse voo em direção ao espírito, na maioria das vezes não é mais que: ou um novo embelezamento ou um refinamento sensível (através da arte, por exemplo) ou uma especulação racional: através da filosofia, da teologia, etc. Ou então, através de uma crença: através de uma religião.

A atitude estética, racional ou devocional frente ao espírito, não costuma passar de uma atitude pessoal. Mas a alma anela intimamente que os valores espirituais desçam à matéria e que o espírito se faça carne.

Em realidade, a personalidade se interpõe entre dois mundos desconhecidos: o mundo do espírito e o mundo do instinto. Frente aos poderes que eles emanam, esta pode reagir em forma defensiva ou submeter-se.

Submissão ao poder espiritual como algo externo e temido.

Submissão ao poder abismal, já seja em forma de absorção hipnótica ou em forma de repressão ou encobrimento.

Mas, em ambos casos o que falta é uma verdadeira incorporação das correntes procedentes do plano do espírito e do plano do instinto – e a humanização das mesmas.

A vida espiritual, para nós, é conjunção substancial dos aspectos espirituais e materiais, para chegar, através da harmonia entre ambos, à hierarquia de plena humanidade.

Diálogo entre o orador e os presentes:

P. Como sabemos que realizamos a união do humano-divino?

R. Você vai saber, quando tiver realizado.

P. A maneira como o senhor apresentou as coisas, dá origem a diferentes interrogantes e desperta inquietudes. Pelo menos comigo, aconteceu isso. Agora, tratando de pensar com o fim de produzir um diálogo, passou por minha mente o problema que o senhor traz à baila: o fato de que o homem é uma unidade. Mas, expressado através de dois aspectos entrelaçados. Eu estava tentando ponderar qual dessas partes. Porque a verdade é que os temas relacionados com isto surgem de correntes religiosas, filosóficas, etc. Mas, sempre dentro de uma filosofia que está relacionada com a religião. Este tema, geralmente dentro dessas correntes, dá importância absoluta ao espírito, sem dar nenhuma à matéria. Somente dá importância ao corpo como um meio para desenvolver o espírito. A colocação que o senhor faz é diferente. Porque põe os dois no mesmo plano. Então, o senhor percebe qual é a consequência desses dois tipos de pensamento. Mas a gente se pergunta: qual a relação recíproca que existe entre eles. E, se não houver subordinação, como se pode uni-los?

R. Tem que haver uma terceira força. Porque se não houver, não é possível a união. É da Trindade que se necessita. É a força mística, a força do amor. Essa é uma terceira linha, que parte do coração e que permite realizar essa união. O único

que une é o amor. A síntese integrativa não pode se realizar no plano dual e sim, em um plano trino. Só um super-amor pode unir. Por isso é que se necessita segurar-se de uma terceira linha para realizar a síntese. As religiões tiveram que criar um céu, mas também tiveram que criar um inferno. Tem que haver uma linha mística de amor puro que esteja além do sentimento e da razão. E que permita conjugar, em uma primeira célula, a síntese do espírito e da matéria, e que possa depois multiplicar-se e ganhar as demais células, para realizar a síntese total.

R. Há outra dúvida que pode se apresentar. Não sei, pelo menos para mim ela surgiu. Nós, como homens, podemos chegar a ter essa união com a divindade? Acredito na imortalidade da alma. A alma é um ser. Mas, não é um homem. Ela pode unir-se a Deus.

R. Mas, onde localizamos a alma? Essa diferenciação entre a alma e o homem pode confundir-nos. Nós consideramos o homem como um ser animado que pode atualizar a potência do espírito que leva em si.

P. Em que nível se realizará essa união? No mais alto?

R. Em um terceiro nível, que não é superior nem inferior. No nível eterno, no nível em que os valores contingentes são transcendidos. Em uma nova dimensão mística.